A muralha e a tempestade: uma análise do Hino Nacional da República Popular da China

Enzzo Sato Inada*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v11i1p82-99

Resumo: “Marcha dos Voluntários” é uma canção de Tian Han e Nie Er, criada para ser trilha sonora do filme “Os Filhos da Tempestade”, de 1935. Contudo, seu impacto sociocultural, bem como sua polissemia interpretativa foram tão relevantes naquele período, que a marcha logo se consagraria como o Hino Nacional da recém criada República Popular da China. Este presente artigo propõe analisar alguns aspectos verbais e musicais do Hino Nacional chinês dentro de seu contexto histórico, para desta forma compreender efetivamente o papel e a importância de “Marcha dos Voluntários” na consolidação de um ainda incipiente nacionalismo chinês do século XX. Procura-se também manter a análise atual, demonstrando como este hino ainda consegue se comunicar com a dita “identidade nacional chinesa” dos tempos presentes; tempos estes tão distintos e distantes daqueles dos compositores que o pensaram.

Palavras-chave: China; Hino Nacional; Nacionalismo

* Estudante de graduação em história pela Universidade de São Paulo e membro do LABORA-USP. Contato: enzzosato@usp.br. Dentre as várias pessoas que ajudaram a tornar este artigo possivel, agradeço em especial ao futuro historiador Pedro Acácio pelas revisões minuciosas e sugestões inteligentes que enriqueceram o resultado final.

Introdução

O fenômeno contemporâneo dos "nacionalismos" é extremamente peculiar; mais que uma simples manifestação coletiva de pertencimento, os nacionalismos estenderam tanto seus tentáculos ao redor do globo que se configuram hoje como uma lente fundamental de interpretação do mundo. Como política, o fenômeno produz e reproduz suas próprias células de replicabilidade técnica e educacional, propagando sua língua, seus costumes e seus mitos desejados, os quais os nacionalistas vendem nas escolas como a "história oficial" (GELLNER, 1983, pp. 33-34). Este mecanismo autoconsciente é direcionado para o objetivo básico de qualquer nacionalismo: a congruência unificadora entre os entes "Estado" e, obviamente, "nação" (GELLNER, 1983, p.3).

Contudo, mesmo estes nacionalismos – tão triunfantes hoje em dia de um ponto de vista político – sendo a "lente básica" para enxergarmos as relações que se desenvolvem dentro e fora de uma determinada comunidade (supostamente) homogênea, eles não são perfeitos naquilo que se propõem a fazer; se assim o fossem, não teríamos a existência dos famosos movimentos Catalão e Basco surgindo na Espanha, os "sub-nacionalismos étnicos" sérvio e croata como contraparte ao separatismo magiar (BREUILLY, 1993, pp. 130-131), e muito menos tentativas sérias de Barbuda, uma comunidade com aproximadamente 8.000 habitantes, querer independência da ilha vizinha de Antigua (CORBETT, 2020, pp. 1087-1103).

Isso significa que qualquer movimento nacionalista que consegue se tornar hegemônico através da tomada do Estado precisa de reforços sempre ativos e constantes se ele quiser permanecer como tal. Para tanto, algumas ênfases explanatórias, na forma de livros, propagandas e bandeiras podem ser úteis, mas estes sozinhos ainda se revelam fracos para dar o respaldo legitimador necessário aos nacionalismos existentes. Isso porque estes ícones supracitados são transmitidos para o público alvo nacional de forma passiva, uma vez que este apenas o observa ou escuta

(SMITH, 1999, p. 77). Em outras palavras, esta passividade inerente na recepção dos totens nacionais e a falta de percepção popular como parte de sua construção fazem com que a passagem do "nacionalismo" como discurso oficial para a "identidade nacional" como cultura de massas se torne sempre difícil.

É precisamente neste contexto que o Hino Nacional pode ser defendido como uma fonte primária valiosa. Isso porque os hinos não sofrem da passividade que acomete a observação de bandeiras ou a escuta de histórias; os hinos são cantados todos os dias por milhares ou milhões de vozes em uníssono, convidando o ouvinte a participar e cantar também. São justamente esses cenários idealizados pelos nacionalistas e cantados em coro pelas massas que congregam perfeitamente a junção importante do nacionalismo de Estado com a identidade nacional, sendo que suas interpretações estão sempre se atualizando de acordo com as necessidades do presente, mas sempre preservando uma linha de continuidade que é tão cara à ideia de imortalidade da nação (KELEN, 2014).

Neste contexto, a República Popular da China nos oferece um estudo interessante; já é imaginável que um país tão colossal – tanto demográfica quanto espacialmente – enfrente problemas de coesão interna com uma certa periodicidade. Isso, por sua vez, somado à importância cada vez maior da China em um contexto geopolítico contemporâneo faz com que os reforços nacionalistas se tornem cada vez mais necessários enquanto política de Estado (HOBSBAWM, 2016, pp. 126-127). Aqui é necessário ressaltar que embora seja auto evidente que os Hinos Nacionais por si só não componham uma retórica nacionalista consistente, eles podem ser utilizados como metonímia, cuja análise pode revelar detalhes importantes sobre como os nacionalistas se enxergam e enxergam a nação pela qual tanto dizem lutar (KELEN, 2014).

No caso chinês em específico, é digno de nota imaginarmos como uma música

que surgiu como trilha sonora de um filme se consolidou tão firmemente, tanto nas fileiras burocráticas do Estado quanto nas mentes do chinês médio, a ponto de se cristalizar como uma canção que representasse a essência da nação que despontava a partir do cadáver do Império que o antecedera (ANDERSON, 2008, pp. 51-70); e se mesmo décadas depois de sua criação, a execução deste hino ainda consegue se conectar com uma parte considerável da população, criando seu elo de continuidade com o passado nacional a ser exaltado, então sabemos que este recurso do nacionalismo está longe de ser trivial. Passemos, portanto, à descrição de nosso objeto de estudo.

A Marcha dos Voluntários

Para dissecarmos alguns aspectos sonoros e textuais de nosso objeto de estudo, é necessário primeiro estabelecer algumas balizas que justifiquem as escolhas tomadas por esta presente análise; o Hino Nacional da República Popular da China, "Marcha dos Voluntários" foi inicialmente concebido por Tian Han, com os arranjos de Nie Er, pensado originalmente para ser a trilha sonora do filme "Filhos da Tempestade", de 1935[1]. Tocada duas vezes no filme (uma no começo e uma no final), a música de alto teor convocatório se entrecruza bem com a temática desenvolvida em tela, que se situa na luta do povo chinês anti ocupação japonesa[2].

Embora a música já tenha sido escrita com um propósito autoconsciente de mobilização, a recepção de "Marcha dos Voluntários" foi tamanha que rapidamente se

[1] É importante destacar que quando falamos do "nacionalismo de Estado" hegemônico na República Popular da China estamos nos referindo ao modelo preconizado pelo PCCh e suas variações ao longo da história, e não às ideias do grupo liderado por Chiang Kai-shek. Embora tenha ocorrido de fato uma disputa pela tomada de poder de Estado, travada em termos genéricos entre "nacionalistas" e "comunistas", isto não quer dizer que estes últimos também não tivessem projetos de nação próprios, que foram colocados em prática mais concretamente a partir de 1949 (BREUILLY, 1993, pp. 232-240).

[2] O filme, já em domínio público, pode ser achado facilmente na internet. No final do texto há uma indicação de link para o referido filme.

popularizou, e sua mensagem foi internalizada tanto na mente dos altos burocratas do Partido Comunista, quanto das pessoas comuns. Mesmo após o término das hostilidades bélicas com o Japão, a letra permaneceu no imaginário coletivo, e, com a formação recente da nação chinesa, era necessário dar um hino a ela que emulasse a mensagem "oficial" que a representaria. Assim, em 1949, após a rejeição de 632 melodias e 694 propostas de letras para o novo hino, o Comitê de Símbolos Nacionais acatou enfim a sugestão de Xu Beihong: a letra de Tian Han e os arranjos de Nie Er se tornariam a partir de então a música oficial daquela China que surgia (LIAO et al., 2012, pp. 108-109).

Ainda sobre a historicidade do hino estudado, é importante salientar que seu uso pelos nacionalistas (sobretudo aqueles entrincheirados dentro dos quadros do Estado) não foi ininterrupto após 1949; durante a Revolução Cultural (1966-1976), Tian Han foi acusado de trair o partido e a revolução, sendo então levado para a cadeia, onde ele veio a óbito em 1968. Com dificuldades de se separar o artista da obra, ainda mais em um período em que o Estado considerara tão urgente reforçar sua retórica nacionalista "pura", a letra de "Marcha dos Voluntários" caiu em desgraça para os nacionalistas ligados ao partido; já a melodia de Nie Er sobreviveu, mas quando tocada em cerimônias oficiais, esta vinha acompanhada de nada, a não ser um incômodo silêncio (LIAO et al., 2012, pp. 109-110).

Após a Revolução Cultural e uma série de mudanças fundamentais na condução da política chinesa (o que incluiu ao longo dos anos o aprisionamento da Camarilha dos Quatro e a deposição do secretário-geral do PCCh, Hua Guofeng) houve por consequência alterações sensíveis tanto na abordagem nacionalista de seus dirigentes, quanto na acepção popular do que se entendia por identidade nacional. Neste contexto, a imagem de Tian Han é reabilitada dentro do panteão nacionalista oficial e, com isso, sua letra também o é (CHI, 2007, pp. 217-244); assim, em 4 de dezembro de

1982, a quinta sessão plenária do quinto Congresso Nacional Chinês reverte a anulação da letra de Tian Han, que se torna enfim oficial a partir de uma Emenda Constitucional de 14 de Março de 2004 (CHINA, 1982).

Para além da própria historicidade dos eventos e mitos que os Hinos Nacionais ambicionam eternizar, é possível perceber a partir disso que os próprios hinos também passam por mudanças de acepção ao longo de sua existência (KELEN, 2014). Isso quer dizer que, para além de usar o Hino Nacional para entender como operava o nacionalismo chinês sobre a identidade nacional em 1949, em 2004 ou em 2021, podemos almejar compreender os processos de ruptura e continuidade dessas três expressões nacionalistas temporalmente distintas a partir de uma análise sobre a execução e recepção deste mesmo hino dentro dos contextos selecionados. Para efeitos deste limitado artigo, trabalharemos com enfoque na execução e em quais mensagens possivelmente se quis passar no contexto assinalado.

Embora exista uma versão oficial para a instrumentação da música a partir da Lei Nacional do Hino da República Popular da China, em vigor desde 01/10/2017 (CHINA, 2017), utilizaremos a execução orquestrada e encenada de 2020, da China Central Television (CCTV). Isto porque esta potencializa alguns elementos sonoros importantes, além de suas qualidades visuais possibilitarem uma melhor análise da orquestra, da composição vocal, dos figurinos e do cenário (afinal, estes elementos também compõem parte importante na semiótica daquilo que quer se transmitir). Saliento que a CCTV é uma rede estatal, o que significa que sua performance está de acordo com as disposições da lei de 2017 e exprime, tanto pela música quanto pela performance, o que o nacionalismo hegemônico queria que entendêssemos por "China" na data de sua publicação[3]. Consideraremos também a execução de "Marcha dos Voluntários" no filme "Filhos da Tempestade" para efeitos de comparação. A letra

[3] A indicação para o vídeo mencionado se encontra no final do artigo.

de Tian Han, readotada como oficial pelo governo chinês, é esta que segue:

> Levantem-se! / Pessoas que não querem ser escravas! / Com nossa carne e sangue vamos construir a nova Grande Muralha! / A nação chinesa atingiu seu momento mais perigoso, / A cada um vem o chamado urgente para a ação / Levante-se! / Levante-se! / Levante-se! / Somos milhões, mas só um coração, / enfrentando o fogo inimigo, avançar! / Enfrentando o fogo inimigo, avançar, avançar![4] (CHINA, 2017).

Um pacto de esquecimentos

O vídeo se inicia com a fala de um narrador em tom solene, devidamente trajado para um evento formal. Ao fundo, uma orquestra sinfônica começa a tocar, inicialmente em volume discreto, mas aumentando em intensidade e enaltecimento conforme o discurso se desenvolve: trata-se de uma homenagem aos combatentes da Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945), como fica claro pela menção ao Incidente de Xi'an[5], que permitiu a criação de uma frente única anti nipônica. Segundo o narrador:

> Os princípios e políticas corretos apresentados pelo Partido Comunista da China resolveram o incidente de Xi'an pacificamente. O fim da guerra civil de 10 anos contribuiu para o estabelecimento da frente única nacional anti-japonesa, que mudou a situação, e vamos contar mais uma vez todos os feitos heróicos da Guerra de Resistência[6] (CCTV, 2020).

A fala acompanhada por um instrumental de fundo em Crescendo (como se

[4] No original: "**起来！/ 不愿做奴隶的人**们! / **把我**们的血肉，筑成我们新的长城 / **中**华民族到了最 险的时候，/ **每个人被迫着**发出最后的吼声。/ **起来！起来！起来！**/ **我**们万众一心，/ **冒着**敌人的炮火，前进！/ **冒着**敌人的炮火，前进！/ **前**进！前进！进"！Tradução nossa.

[5] O Incidente de Xi'an foi uma crise política ocasionada pela detenção do líder do Kuomintang, Chiang Kai-Shek, por seus subordinados, como forma de pressioná-lo a cessar as hostilidades contra os comunistas para concentrarem seus esforços combinados contra a iminente invasão japonesa. Chiang, que até então adotara a máxima de Sun Yat-sen de "primeiro pacificar o interior, depois resistir à ameaça externa", acaba por concordar com a criação de uma frente única chinesa, e a Guerra Civil que já durava dez anos terá enfim um hiato. Hiato este encerrado em 1946, que culminará com os comunistas assegurando controle sobre a China continental (TAYLOR, 2009, pp. 29, 130-136).

[6] No original: "**中国共**产党提出的正确方针政策使得西安事变得与和平解决。结束了10**年内**战,**促成了抗日民族**统一战线的建立,**其**为扭转时局的疏影让我们再一次向所有的抗战英雄事迹". Tradução nossa.

fosse uma *ouverture* para a música que logo virá) é um "manual de instruções" de como querem que o hino seja lido, pois esta interpretação da CCTV religa a música com o seu propósito inicial: o filme "Filhos da Tempestade", do qual a música em questão surgiu, conta a história de um poeta que foge de Xangai durante a invasão japonesa, mas, eventualmente muda de ideia e volta para se juntar aos esforços de guerra ao lado de seus compatriotas chineses. Notemos aqui que, segundo a narração, a Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945) forçou uma trégua temporária entre Comunistas e Nacionalistas do Kuomintang, encerrando a Guerra Civil Chinesa (1927-1937) em prol da criação de uma frente única anti-japonesa. A menção ao Incidente de Xi'an (1936) exalta a condução correta do PCCh, cuja diplomacia teria permitido uma solução pacífica e sem mais derramamento de sangue chinês, afinal de contas, um mal muito maior se avizinhava.

É importante destacar que por mais que a historiografia concorde que a atuação do PCCh na resolução do incidente foi crucial – com destaque à centralidade de Zhou Enlai nas negociações (YOUWEI e BILLINGSLEY, 1998, pp. 291-293), não se pode negar que houve outros fatores que culminaram na resolução final deste episódio: cisões internas do Kuomintang, a crescente tensão em Xi'an do governante Zhang Xueliang com os espiões do Lixingshe (YOUWEI e BILLINGSLEY, 1998), e até mesmo o leque de ações e inações de Chiang Kai-shek também ajudaram a definir os contornos dos acontecimentos em Xi'an (TAYLOR, 2009, pp. 136-137). A fala inicial do vídeo cria uma proposital simplificação dos eventos, pois, como todo nacionalismo prega, a história oficial opera não apenas a partir daquilo que se quer lembrar, mas também daquilo que se almeja esquecer; é provável que uma interpretação do Hino Nacional de Taiwan em Taipé também fosse adotar os mesmos procedimentos narrativos, mas com os papéis de destaque de Nacionalistas do Kuomintang e forças do PCCh trocados (ANDERSON, 2008, pp. 271-280).

Após a introdução do narrador, necessária para a contextualização do hino em

seus propósitos memoriais, inicia-se a letra da música, que é cantada com uma alternância entre solistas, ensembles e coro em uníssono; estes cantores, com suas roupas rasgadas, maquiagem de sangue e sujeira que lembram os civis e soldados vistos calejados da guerra de "Filhos da Tempestade", estão encenando, acima de tudo. Em um tom contemplativo, quase declamatório, e sem qualquer instrumento que acompanhe as vozes, cria-se um paralelo irônico e involuntário em relação à época em que a letra de Tian Han fora banida dos eventos oficiais, e a execução da melodia ficava por conta somente da orquestra. Em 2020, com os instrumentos silenciados perante a letra de Tian Han, esquecemos-nos do poeta como *persona non grata*, morrendo em uma prisão em 1968[7]. Hinos, afinal, funcionam assim: musicalizam uma expressão do nacionalismo, que se lembra de alguns eventos à medida que se esquece de outros; condena uns, para depois perdoá-los e se auto perdoar no processo também.

Origens e disputas

Toda canção que pretende se fazer metonímia de um sentimento nacional, muitas vezes ainda em consolidação no momento da criação da música, precisa se conectar com as necessidades e os anseios da conjuntura política em que se insere; no caso de "Marcha dos Voluntários", tal trilha só foi concebida em hino porque conseguia traduzir uma expressão sobre o que os nacionalistas almejavam para "China moderna". O problema é que a criação de uma identidade nacional parte de desafios e incongruências com as limitações objetivas e materiais que o Estado e a sociedade apresentam: como conciliar uma China soberana, porém baseada em uma modernidade fortemente influenciada pelas forças ocidentais? Como não cair em uma contradição de ter um Partido Comunista (que hipoteticamente deveria ser

[7] Esta primeira execução do Hino mantém a mesma melodia de Nie Er, mas o enfoque é claramente na letra e na mensagem que ela quer passar.

internacionalista por definição) que atua em bases nacionalistas? O filme e a música vistos nos ajudam a responder essas perguntas:

> Por que o nacional é tão central para o cinema chinês? Colocado de forma simples, ideias sobre o nacional e o território moderno dos Estados-nação como conhecemos hoje chegou junto com os navios de guerra que forçaram o "livre comércio" na China nas guerras do ópio do século XIX. Tanto o nacional quanto o território moderno dos Estados nacionais eram parte de um pacote ocidental chamado "modernidade", assim como foi o cinema, que a seguiu logo em seguida. Da mesma forma que em qualquer outro lugar, quando os chineses captaram a enormidade da ameaça imperialista, eles perceberam que teriam que beber do ocidente para resistir ao ocidente. O Estado-nação foi um elemento chave para ser adotado, porque essa forma moderna de agência coletiva foi fundamental tanto para a participação do Estado-nação na ordem "Internacional" estabelecida pelos imperialistas, quanto para mobilizar resistência.[8] (BERRY e FARQUHAR, 2006, p. 2).

Compreendemos assim mais facilmente como uma trilha sonora de filme conseguiu se tornar o Hino que representa a nação chinesa: ele assim o faz porque sua condição de criação dentro de um filme representava precisamente essa modernidade e esses paradoxos da construção nacional que, ao invés de serem negados em vão, deveriam ser abraçados pela nova China. Essa nova China proposta era autoconsciente de seus desafios, e sabia que uma construção socialista plena não surgiria a curto prazo sem superar primeiro uma fase "nacional popular" que pudesse se assegurar contra os imperialistas e ao mesmo tempo impedir que o discurso nacionalista fosse monopolizado pelas forças reacionárias (AMIN, 2021, p. 145).

[8] No original: "Why is the national so central to Chinese cinemas? Put simply, ideas about the national and the modern territorial nation-state as we know them today arrived along with the warships that forced "free trade" on China in the mid-nineteenth-century opium wars. Both the national and the modern territorial nation-state were part of a Western package called modernity, as was cinema, which followed hot on their heels. Like elsewhere, when Chinese grasped the enormity of the imperialist threat they realized that they would have to take from the West in order to resist the West. The nation-state was a key element to be adopted, because this modern form of collective agency was fundamental both to participation as a nation-state in the "international" order established by the imperialists and to mobilizing resistance.". Tradução nossa.

Isso na prática significa reconhecer o potencial da retórica nacionalista e a adoção dos recursos pragmáticos da modernidade ocidental (o que inclui o cinema e a adoção de hinos nacionais à moda dos demais Estados-nação) como instrumentos de mobilização popular (BREUILLY, 1993, p. 240). Por isso não existe um oxímoro impeditivo em se ambicionar uma China revolucionária e popular surgida de um império decadente, ao mesmo tempo em que se prega no hino "construir uma nova Grande Muralha". Novo e velho, modernidade e tradição aqui se combinam, criando (ao menos no discurso) uma nação que respeita sua sua história e suas tradições, mas as ressiginifica em direção ao novo sentido nacional que se deseja criar.

Mais uma característica de "Marcha dos Voluntários" que a tornou adequada como hino deste projeto é o fato de que sua letra é cantada em língua vernacular (baihua), uma forma mais moderna e popular do idioma, em contraste com a maioria das músicas antes dela, que eram escritas em chinês clássico, comum à "alta literatura" dos tempos dinásticos (ANDERSON, 2008, pp. 107-126). Quanto aos aspectos musicais, a performance da CCTV priorizou vozes mais graves, pois se encaixam na proposta de marcha militar reforçada pelo compasso 2/4, e isso enfatiza potência vocal da coletividade, cuja força é amplificada pelo contraste da voz solo que antecede o coro (CHI, 2007, p. 223)[9].

Ainda na performance da CCTV, outro elemento notório ocorre logo após o coro uníssono masculino e feminino, quando todos cantam "levante-se!" (Qilai!)[10]. Em cada uma das três vezes que se repete, forma-se uma melodia ascendente, com um acorde de sol maior com ré no baixo. Como aqui cantam em conjunto todos os solistas e

[9] O projeto nacionalista ilustrado pelo hino não adotou do ocidente somente a marcha militar no compasso indicado; uma série de outros recursos musicais também foram tomados de empréstimo; para efeitos de comparação, várias nações próximas, Tailândia, Japão, Bangladesh, Índia, Nepal, Butão e Camboja sequer utilizam a escala diatônica (CERULO, 1985, p. 108).
[10] Ocorre na marca de 01min03s do vídeo referido.

coristas de antes com a adição de algumas vozes a mais, este acorde de tônica arpejado em uníssono por um conjunto de vozes cria um sentido de caminho percorrido e força.

Esta característica é significativa porque se une semântica com ethos musical: quando o hino ordena "levante-se" ao mesmo tempo em que aumenta a intensidade (acompanhado ainda de um Crescendo a cada repetição), a música se vale de um recurso de persuasão fortíssimo que, coletivamente, leva o executor comum não apenas a ser compelido a se levantar, como também a cantar o hino mais alto e com mais entusiasmo (CHI, 2007, pp. 222-223). Desta forma, cada "Qi" estacionado no mesmo tom da sílaba anterior potencializa a subida do "lai" que o segue, o que sedimenta na memória coletiva o "levante-se", tanto em termos físicos (do ato de se erguer) quanto no sentido de ir além. Esse elo do corpo com o aparato psicológico do ouvinte através dos elementos sonoros é o que torna esse hino tão poderoso, pois ele se transfigura em uma expressão historicizante da "China que viria a ser" (na época da criação da música) e da "China que triunfou" (na época da gravação do vídeo). Não por acaso, é justamente a partir de "Qilai!" que todos aqueles em cena passam a cantar em uníssono.

Contudo, é preciso fazer a ressalva de que a ideia de "triunfo" nesta narrativa nunca é uma condição inalterável; a própria letra já alerta: "A nação chinesa atingiu seu momento mais perigoso"; esta parte excepcionalmente polêmica da letra não foi aceita de imediato pelo Comitê dos Símbolos Nacionais pelo pessimismo que poderia trazer, e foi necessária uma intervenção pessoal de Zhou Enlai para mantê-la no hino, pois, segundo ele, seria importante para conscientizar a nação sobre a necessidade de vigia constante; os perigos, afinal, continuariam a existir, e o imperialismo estava sempre à espreita (LIAO et al., 2012, pp. 108-109). Assim, se o maior perigo da nação chinesa reside sempre no "agora", o alerta também deve estar sempre direcionado para o presente, retórica esta respaldada pelo próprio Mao em mais de uma ocasião, como podemos ver em um de seus discursos:

> O Incidente do Sul de Anghuei e a ordem do Conselho Militar de Tchuntchim, com data de 17 de Janeiro, não são pois mais que o início de toda uma série de incidentes. A ordem de 17 de Janeiro, em particular, reveste grave significado político. O facto de os autores dessa ordem contra-revolucionária terem ousado lançá-la em desafio à condenação universal, mostra o quanto estão decididos à ruptura completa e à capitulação total. Os representantes políticos dos grandes senhores de terras e da grande burguesia, classes débeis na China, não realizam sem os patrões mesmo as coisas mais insignificantes, como poderiam pois realizar coisas assim grandes que abalam o céu e a terra? Nas circunstâncias actuais parece bem difícil fazer voltar atrás os que emitiram essa ordem e, sem uma acção empreendida de urgência pela totalidade do povo e uma forte pressão diplomática no plano internacional, será provavelmente impossível chegar-se a tal resultado. Daí que a tarefa urgente imposta ao povo chinês seja a de seguir com a maior vigilância o curso dos acontecimentos e estar pronto a enfrentar qualquer eventualidade desastrosa precipitada pela reacção, sem permitir-se o mínimo relaxamento. Quanto ao futuro da China, é o que há de mais claro. (MAO, 1975, pp. 819-820)

Isto é interessante de notarmos porque enquanto vários hinos historicizam o perigo como algo episódico e pretérito[11], o único apelo ao passado efetivo no hino chinês é a menção à Grande Muralha, porque todas as suas outras atenções estão voltadas para o presente; e não importa se esse "presente" de 1949 é replicado em 2020, porque a China ainda passa por seu momento mais perigoso. Ora, atores vestidos de soldados no filme do qual se originou a "Marcha dos Voluntários" não são muito diferentes dos cantores maltrapilhos e ensanguentados na performance de 2020, desta forma, quando o perigo é sempre constante, a vigília nunca baixará a guarda: os filhos dos filhos da tempestade também hão de se molhar, e para isto precisam estar preparados e não baixar a guarda jamais.

Logo após, executa-se uma linha de clarim. Repetida três vezes, vai aumentando a intensidade, junto com uma melodia ascendente começando em Sol e terminando em Ré duas oitavas acima (em um procedimento bem parecido com o que acabamos

[11] Os Hinos Nacionais de Andorra, Romênia, Polônia, Itália e até mesmo dos Estados Unidos são alguns exemplos notórios de hinos que situam seus inimigos como ameaça aglutinadora na nação, porém , como um capítulo de sua história (XING, 2003)

de ver em “Qilai!”) enquanto os cantores vão saindo do primeiro plano. Para além dos componentes já citados, o tema de clarim possui uma função ainda mais importante nessa interpretação da CCTV: ele marca a transição paradigmas, que reinicia a execução do hino e o toca de uma forma bem diferente. Isso é relevante porque esse limite marca um paralelo com a trilha original vista no filme “Filhos da tempestade”: nele, o tema é tocado duas vezes, sendo uma no início e outra no final.

Contudo, enquanto a primeira execução serve apenas como trilha sonora que acompanha os créditos, a última é um som que tem uma participação ativa na cena, sendo cantado pelo protagonista e os demais coadjuvantes quando decidem resistir (ou levantar-se) contra os invasores nipônicos. Essas duas inserções de “Marcha dos Voluntários” indicam um desenvolvimento nevrálgico no entremeio: se em um primeiro momento a China que se deseja está apenas no plano das ideias (indicada pela música tocada de fundo, mas sem implicações no enredo), ela pode vir a se materializar a partir da ação individual e coletiva de cada chinês, pois agora, os próprios atores que cantam, o som é diegético e integra o desfecho do filme (CHI, 2007, p. 238).

O que a versão da CCTV faz é o caminho inverso: passa de uma dimensão “sensível”para uma dimensão “inteligível”. Vemos isso pelo fato de a primeira execução ser feita sem harmonia adjacente (não há instrumentos) e das roupas sujas dos cantores aludirem à história da guerra, como se ela estivesse em curso (da mesma maneira que a cena diegética de Filhos da Tempestade faz). Contudo, logo após o clarim, a melodia toda se reinicia, porém agora dispondo de uma orquestra completa, com conjuntos de cordas, sopro, percussão e maestro, além de um coral muito mais extenso e em trajes de gala. Foi realizado um salto temporal para o presente, e o elemento que liga essas duas temporalidades é precisamente a marcha que, hoje institucionalizada, é celebrada como hino nacional de um país que (supostamente) se fundou a partir da guerra hoje rememorada.

Portanto, esse caminho inverso passando do meio físico (marcha de guerra) para

o extradiegético (Hino Nacional) fecha um ciclo iniciado em Filhos da Tempestade, imortalizando uma criação sonora em um patrimônio emblemático e imaterial, que simultaneamente produziu e foi produzido por uma China que se formava e hoje celebra seus mitos do passado.

Conclusão

Este limitado trabalho teve como objetivo analisar uma interpretação específica do Hino Nacional da República Popular da China para ver se sua crítica conferiria algum substrato mais material aos estudos sobre o nacionalismo na região. Infelizmente, dadas as limitações técnicas e de escopo deste presente artigo, não podemos concluir que a análise de "Marcha dos Voluntários" configure metonímia exemplar para todos os estudos de nacionalismos possíveis, tampouco que toda interpretação de Hinos Nacionais possa conferir tais informações que buscamos.

Dito isso, considero que no caso específico chinês, a análise do Hino Nacional conferiu uma grande palpabilidade no que concerne ao seu fenômeno nacional, uma vez que pudemos perceber qual a "lente de interpretação oficial", concebida pelo narrador no início do vídeo, bem com alguns recursos estilísticos que voluntariamente ou não, fizeram paralelos interessantes com o filme do qual a música se originou. Isso tudo mostra um senso de continuidade peculiar, que religa sua modernidade, suas técnicas musicais ocidentais e sua indústria cinematográfica com o seu passado, ambos caminhando juntos dentro de uma óptica nacional em direção a um futuro onde as fardas dão lugar aos trajes de gala e vozes em coral potente e uníssono. O futuro da China, segundo a representação da CCTV, é brilhante; sempre haverá algum perigo no caminho, o imperialismo e os inimigos (na falta de japoneses, alguns outros tão abstratos quanto possível) estarão sempre à espreita, mas isso não é problema para uma nação que se vangloria de ter sido moldada na adversidade, afinal, para cada

tempestade, uma nova Grande Muralha se levantará.

Fontes utilizadas

CCTV中国中央电视台. Wang Kai presta homenagem aos heróis da Guerra Antijaponesa "A Marcha dos Voluntários" mostra o poder do renascimento nacional | CCTV "Heróis em Cartaz" (王凯向抗战英雄致敬《义勇军进行曲》展现民族复兴力量 | CCTV「海报里的英雄). 2020. (2min27s). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5Y-TG3t8c4M&list=WL&index=23>. Acesso em 10. set. 2021.

FILHOS da Tempestade (风云儿女). Direção de Xu Xingzhi. Xangai: Diantong Film Company, 1935. (130 min.). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nu9eRN4nKYo>. Acesso em 10. set. 2021.

Referências bibliográficas

AMIN, Samir. **O Eurocentrismo: Crítica de uma ideologia**. São Paulo: Lavrapalavra, 2021.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BERRY, Chris e FARQUHAR, Mary Ann. **China on screen: Cinema and nation**. New York: Columbia University Press, 2006.

BREUILLY, John. **Nationalism and the State**. Manchester: Manchester University Press, 1993.

CERULO, Karen A. **Social solidarity and its effects on musical communication: an empirical analysis of national anthems**. Princeton: Princeton University, 1985.

CHI, Robert. "The March of the Volunteers": From Movie Theme Song to National Anthem. In: LEE, Ching Kwan & YANG, Guobin (ed.). **Re-envisioning the Chinese Revolution: the politics and poetics of collective memories in reform China**. Washington DC: Woodrow Wilson Center Press, 2007.

CHINA, República Popular da. **A lei do hino nacional está chegando! A pontuação padrão do hino nacional e a versão oficial da gravação do hino nacional estarão sujeitas ao site do governo chinês (2017) (国歌法要来了!国歌标准曲谱和国歌官方录音版本,要以中国政府网为准)**. Disponível em <http://www.gov.cn/xinwen/2017-06/22/content_5204586.htm>. Acesso em 10. set. 2021.

CHINA, República Popular da. **Constituição (1982)**. Disponível em <http://www.npc.gov.cn/npc/c505/201803/e87e5cd7c1ce46ef866f4ec8e2d709ea.shtml>.

Acesso em 10. set. 2021.

CHINA, República Popular da. **Lei do Hino Nacional da República Popular da China (2017) (中华人民共和国国歌法)**. Disponível em <http://www.gov.cn/guoqing/2017-09/04/content_5222515.htm>. Acesso em 10. set. 2021.

CORBETT, Jack. **Territory, islandness, and the secessionist imaginary: Why do very small communities favour autonomy over integration?**. Nations and Nationalism, v. 26, n. 4, p. 1087-1103, 2020.

GELLNER, Ernest. **Nations and nationalism**. Oxford: Basil Blackwell Publisher, 1983.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

KELEN, Christopher. **Anthem quality: National songs - a theoretical survey**. Bristol: Intellect, 2014.

LIAO, Tim F.; ZHANG, Gehui; ZHANG, Libin. **Social foundations of national anthems: Theorizing for a better understanding of the changing fate of the national anthem of China**. Journal for the theory of social behaviour, v. 42, n. 1, p. 106-127, 2012.

MAO Tsetung. **Obras escolhidas – Tomo II**. Pequim: Edições em línguas estrangeiras, 1975.

SMITH, Anthony D. **National Identity**. London: Penguin Books, 1999.

TAYLOR, Jay. **The Generalissimo: Chiang Kai-shek and the struggle for modern China**. Cambridge: Belknap press of Harvard University Press, 2009.

XING Hang (ed.). **Encyclopedia of National Anthems**. Lanham: Scarecrow Press, 2003.

YOUWEI Xu; BILLINGSLEY, Philip. **Behind the Scenes of the Xi'an Incident: The Case of the Lixingshe**. The China Quarterly, v. 154, p. 283-307, 1998.